

MECANISMOS DÊIXICOS E ESTRATÉGIAS DE LEITURA DO GÊNERO TIRA

Abniza Pontes de Barros Leal*

Resumo: Este trabalho trata da análise de tiras presentes no Livro Didático (LD) em consonância com questões teóricas referentes à dêixis, ao gênero tira e a estratégias textual-discursivas necessárias à sua compreensão, como uma possibilidade de permitir ao aluno desenvolver competências leitoras linguístico-discursivas. A base teórica, no que se refere a gênero, segue as propostas de Bakhtin (2011), Mendonça (2002) e Eisner (1999); no que diz respeito à dêixis, Bühler e Fillmore a partir dos estudos de Cavalcante (2010, 2011); e quanto às estratégias de leitura, Koch, Bentes e Cavalcante (2007). O gênero tira se constitui um campo profícuo de pesquisa e estudo, visto que as pesquisas têm se voltado ora mais para a investigação no campo midiático; ora mais para a relação do gênero com os aspectos pragmáticos que particularizam seus produtores e receptores. O *corpus* da amostra é constituído por seis tiras retiradas de LD e os resultados evidenciam que é possível compreender a tira não apenas como um artefato capaz de produzir humor, mas também como um *construto social*, cuja harmonia entre os elementos linguísticos e não linguísticos é complexa e requer domínio de diferentes estratégias.

Palavras-chave: Dêixis. Ensino/aprendizagem. Leitura. Estratégias de leitura.

Abstract: This paper focuses on the analysis of comic strips in Brazilian Portuguese Language Textbooks (BPLTs), concerning theoretical questions about deixis, comic strip genre and textual discourse strategies necessary to the understanding of comic strips by means of enabling students to develop reading competency. The main theoretical references were selected according to: Bakhtin (2011), Eisner (1999) and Mendonça (2002) for genre; Bühler and Fillmore's studies discussed in Cavalcante (2010; 2011) for deixis; Koch, Bentes and Cavalcante (2007) for reading strategies. The comic strip genre is a profitable area for research and study since the works have been based on both media studies and genre relations to pragmatic markers related to author and target audience. The corpus for analysis is made up of six comic strips extracted by BPLTs; the results show that it is possible to understand comic strips not only as a way to produce humor but also as a *social construct*, so that the relationship between linguistic and non-linguistic elements is complex and requires mastery of different strategies.

Keywords: Deixis. Teaching / learning. Reading. Reading strategies.

Introdução

* Centro de Humanidades. Curso de Letras, UECE, Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: abpontesleal@bol.com.br

A preocupação, surgida no final do século XX, no Brasil, em pesquisar e estudar os gêneros textuais impulsionou o seu surgimento no Livro Didático (LD), trouxe novas perspectivas para o ensino da língua portuguesa, mas não conseguiu vencer o maior de todos os obstáculos: ler e analisar criticamente os diferentes gêneros textuais. Os baixos índices aferidos em leitura de alunos brasileiros¹ indicam que há um descompasso entre a intensidade das atividades comunicativas e as bases teórico-metodológicas; entre o avanço dos estudos linguísticos proporcionados pela Linguística e suas subáreas e a noção de gênero adotada pela escola, indiciando que a dimensão histórica, social e cultural da linguagem está no âmbito do devir.

Na aceitação de que a ideia sobre leitura e análise é opaca e ainda apartada da realidade dos discentes, e de que a dêixis possibilita identificar estratégias necessárias à compreensão leitora de gêneros, pretendo, no presente trabalho, descrever, a partir de indícios linguístico-discursivos, os mecanismos dêiticos que valorizam estratégias de leitura no gênero tira e apontar caminhos para questões como: que estratégias de leitura estão subjacentes nas expressões dêiticas no gênero tira publicado em LD de língua portuguesa?

A presença das HQs (Histórias em Quadrinhos), mais especificamente, a tira, nos LD à disposição da escola brasileira², a exemplo de tantos outros gêneros, reflete a orientação dada pelos PCN no que diz respeito à pluralidade de textos do cotidiano dos alunos e à possibilidade de abordagens pragmático-comunicacionais necessárias para que o sujeito se sinta fonte intencional do que ele exprime e do que ele dá significado. É um gênero, portanto, que pode subsidiar práticas voltadas para a competência discursiva do aluno, pois permite que ele faça interpretação de aspectos linguísticos e textuais, ampliando sua compreensão discursivo-textual.

¹ O desempenho brasileiro no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) pode ser considerado um indicador para essa apreciação. Segundo dados sobre Políticas Educacionais, “(...) no conjunto dos 31 países que prestaram o exame desde o início, ocupamos a posição de lanterna (...) os nossos avanços têm sido maiores em matemática (...) ainda há muito a ser feito, em especial nas áreas de leitura e ciências”.

<http://www.google.com.br/#output=search&sclient=psy-ab&q=resultado+dos+exames+do+PISA&oq=resultado+dos+exames+do+PISA&gs>. (visitado em 14/07/2013).

² O gênero tira pode ser encontrado, por exemplo, dentre outras coleções, em:

BELTRÃO, E. VELLOSO, M. L.; GORDILHO, T. **Diálogo Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português Linguagens**. São Paulo: Editora Atual, 2010.

KANASHIRO, A. R. **Projeto Araribá Português**. São Paulo: Editora Moderna., 2010.

SARMENTO, L. L. **Português**. São Paulo: Editora Moderna Ltda., 2009.

A abordagem teórica, delineada para a análise dos mecanismos dêiticos presentes no gênero tira e para a identificação de estratégias subjacentes e necessárias à leitura crítica, segue orientações distintas. A reflexão, adotada no presente trabalho, tem como pano de fundo o pensamento bakhtiniano sobre gênero, mas se ancora também em Mendonça (2002) e Eisner (1999), as considerações sobre a dêixis, por sua vez, recuperam as bases definidas por Karl Bühler e Fillmore a partir principalmente dos estudos de Cavalcante (2010 e 2011), e, por fim, as estratégias de leitura, dada à especificidade de cada uma delas, apoiam-se em diferentes autores, dentre os quais, Koch, Bentes e Cavalcante (2007).

O processo referencial da dêixis

A dêixis faz parte do processo de referenciação e, antes de um aprofundamento na compreensão do fenômeno dêitico, vale ressaltar aspectos que dizem respeito ao que é referência e por que o termo referenciação.

A noção de referência ocupa espaço no âmbito da Filosofia da Linguagem, da Linguística e da Psicolinguística, como uma questão das mais antigas e está diretamente ligada ao modo “como referimos o mundo com a língua” (MARCUSCHI, 2004, p. 263). A concepção mais recorrente de referência (CAVALCANTE, 2011; CIULLA E SILVA, 2008) designa a propriedade do signo linguístico ou de uma expressão de remeter a uma realidade, ou seja, o conhecimento sobre o mundo e, por consequência, a referência que a ele é feita resulta de um ato de linguagem.

Contudo, essa concepção de referência não se restringe apenas ao meramente linguístico, na perspectiva de língua como algo simples, acabado e eficiente instrumento para representar o mundo. Ao contrário, ela é resultante de uma interpretação que emerge da capacidade de compreensão de que todo ser humano é dotado, a partir de suas vivências e experiências.

É possível, portanto, depreender que, não sendo a língua um “sistema de etiquetas que se ajustam mais ou menos bem às coisas”, conforme destacam Mondada e Dubois ([1995], 2003, p.17), o processo de referir não pode ser compreendido como algo estanque, concebido em um modelo regular de correspondência entre as palavras do discurso e os objetos do

mundo, em que “a cada unidade lexical individual está relacionada a um conjunto de condições que um segmento de realidade deve satisfazer para poder ser a referência³”.

Cavalcante (em dois momentos distintos, 2010 e 2011) traduz a evolução pela qual passaram os estudos sobre a noção de referência. No primeiro momento, a autora e outros lembram que a atual perspectiva “se distancia bastante da noção de ‘referência’ descrita nos anos de 1980, após a proposta classificatória de Halliday e Hasan (1976)”, segundo a qual, referência se inseria no quadro de mecanismos coesivos, significando apenas que um elemento do contexto poderia remeter a outro, necessário à sua interpretação.

No entendimento da relação entre a linguagem e o mundo, outras questões pertinentes ao estudo e à análise das práticas sociais mediadas pela linguagem, além das de ordem lógico-semântica, foram ocupando lugar de destaque. É nesse novo cenário que a referência toma outra dimensão. Cavalcante (*op. cit*) lembra que o termo ‘referenciação’ é uma expressão cunhada, em 1994, por Mondada, orientada pelo prisma de que as práticas linguísticas não dependem apenas do sujeito face ao mundo, mas da “construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo”.

Da compreensão de que os referentes emergem de práticas sociais discursivas e se constituem objetos de discurso, cabe indagar o que é dêixis⁴ e qual o seu lugar no atual panorama desses estudos em que se exploram conhecimentos relativos a expressões referenciais e a operações e estratégias discursivas, que contribuem para fazer evoluir a categorização lexical.

Para Bühler (1982), dêiticos são expressões referenciais, cujo significado completo depende de aspectos da situação enunciativa. Essa forma de entender o recurso da dêixis exige, portanto, conhecimento do tempo e do lugar em que a pessoa do discurso se encontra.

Ampliando essa noção, Benveniste (1991), ao tratar de *pessoa/não-pessoa*, atribuiu ao uso dos pronomes uma distinção que é fundamental para a conceituação da dêixis: pronomes dêiticos e pronomes anafóricos. Os primeiros estariam relacionados a duas categorias: a de *pessoa*, representados pelas formas gramaticais *eu-tu/você*, indicadoras do aspecto subjetivo

³ Citação à *referência virtual* proposta por Milner (1982, p. 10). In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D., Dicionário de Análise do Discurso. São Paulo. SP. Contexto. 2004.

⁴ Na literatura recorrente ao assunto, os termos, dêitico e dêixis, são empregados indistintamente, posição assumida no presente trabalho.

da linguagem; e a de *não-pessoa*, representados pela forma gramatical *ele*, indicadora do aspecto objetivo da linguagem.

Como parâmetro para a classificação da dêixis, Ciulla (2008), Cavalcante (2011), dentre outros estudiosos, adotam o critério de traços gerais de ostensão e subjetividade que os distingue. Assim, os dêiticos caracterizados quanto à ostensão estariam relacionados à própria significação gramatical, neste caso: os de pessoa, de lugar, de tempo e da memória.

Os dêiticos pessoais permitem identificar interlocutores na situação de comunicação e se valem das formas pronominais (pronomes pessoais, possessivos) ou, como descreveu Benveniste (*op cit*), *formas dêiticas pessoais*.

Os dêiticos de lugar permitem inferir o lugar em que, no ato da enunciação, se encontram o enunciador e o co-enunciador. Cavalcante (2011, p. 65) reforça essa ideia dizendo que “os enunciadores que dizem ‘aqui’, por exemplo, remetem a um espaço próximo do ambiente em que eles se situam na enunciação. A desconsideração dessa informação do ponto de origem compromete a recuperação do referente”.

Os dêiticos de tempo possibilitam situar o ponto de origem do enunciador e de seu co-enunciador, igualmente no momento em que a mensagem é enunciada. A distinção feita por Apothéloz ([1995], 2003) de expressões *dêiticas e não-dêiticas* permite compreender que nem toda expressão que indica tempo é forçosamente dêitica. Para o leitor entender melhor essa questão, o uso dos termos *ontem* e *na véspera de*, cuja significação pode ser a mesma, será dêitico quando o enunciador diz *ontem*, referindo-se a um tempo do conhecimento dele e de seu co-enunciador, um tempo que é central a ele, o enunciador. Porém, quando diz *na véspera de* (o que poderia no contexto significar o mesmo momento passado, o ontem) não será dêitico e, sim, anafórico⁵, pois deverá haver, mesmo que implicitamente, uma referência anterior.

Os dêiticos da memória foram introduzidos no espaço da referenciação por Apothéloz (1995) e são resultantes da negociação feita entre os participantes de um ato enunciativo, em que o co-enunciador é convidado a buscar na memória um conhecimento compartilhado sobre um referente não mencionado no contexto.

⁵ É esperado que no co(n)texto haja uma referência qualquer à véspera e, mesmo não havendo, é possível o co-enunciador recuperar o sentido por uma pista deixada no texto ou por um conhecimento da situação enunciada.

O autor entende a dêixis como expressão linguística, cuja particularidade é a interpretação inteiramente dependente do lugar e do momento de sua enunciação, ou da pessoa que enuncia.

Aqui se interpreta com relação ao lugar onde se acha o locutor no momento em que ele pronuncia “*aqui*”, *agora* se interpreta com relação ao momento em que se acha o locutor quando ele pronuncia “*agora*”, e *eu* designa a pessoa que pronuncia “*eu*”. As expressões linguísticas cuja interpretação se apoia nos parâmetros de lugar, tempo e pessoa da situação de enunciação são chamadas de dêiticas (APOTHÉLOZ, [1995], 2003, p. 67).

A propósito da distinção dêixis/anáfora, o autor argumenta que apenas as expressões *não-dêiticas* são suscetíveis de um uso anafórico. Sua visão de anáfora se configura a representação de uma entidade construída no discurso e pelo discurso, em que a construção da entidade discursiva *dêixis da memória* pressupõe a participação das pessoas da comunicação (*eu-tu/você*) evocadas por Benveniste. A âncora oferecida ao co-enunciador (ao *tu/você*) é o pronome demonstrativo, que favorece um trabalho cognitivo e partilhado sobre um referente não especificado no contexto.

Fillmore (1971) acrescentou aos três tipos clássicos (pessoal, espacial e temporal), a dêixis social e a dêixis textual, as quais estão caracterizadas quanto ao traço de subjetividade referido por Ciulla (2008).

Ao tratar dos dêiticos sociais, Cavalcante (2011), em consonância com Fillmore (1971), acrescenta que esse tipo se define diretamente a partir do centro dêitico do falante, mas representa formas que codificam relacionamentos sociais, mantidos pelos participantes da conversação. São, portanto, expressões referenciais que dependem da relação existente entre os participantes do ato de comunicação e obedecem aos princípios que regem esse ato, quanto ao grau de proximidade (caráter formal e informal), aos propósitos comunicativos e, enfim, a outros elementos do contexto.

Os dêiticos textuais têm função metatextual e permitem ao leitor ou ouvinte se apropriar da organização espacial do texto.

Designa comumente o emprego de expressões indiciais como *mais acima*, *abaixo*, *no próximo capítulo*, *aqui*, etc com o objetivo de se referir aos segmentos, aos lugares ou aos momentos do próprio texto em que estas expressões são utilizadas. Diferentemente da dêixis situacional, não é o lugar e o momento da enunciação, mas o lugar e o momento do texto onde aparece a expressão indicial (APOTHÉLOZ, [1995], 2003, p. 69).

Cavalcante (2011) destaca que os dêiticos textuais, por retomarem outros referentes já mencionados no cotexto, apresentam, antes de tudo, um caráter anafórico. Com isso, a autora chama atenção para o fato de certas ocorrências serem formas híbridas: dêiticas e anafóricas. Essa hibridização ocorre quase sempre em expressões ancoradas em advérbios como, por exemplo, "as palavras acima", mas pode valer-se de pronomes demonstrativos como, por exemplo, "esse trecho".

Em síntese: da abordagem inicial de classificação da dêixis, em pessoal, espacial e temporal, assentada nos domínios constitutivos da situação de enunciação - pessoa, espaço e tempo -, à sua atual concepção, foi delineado um quadro teórico que excede aos limites definidos por Karl Bühler. E, nessa dimensão (noção defendida por muitos dos estudiosos que fundamentam esta pesquisa), outros tipos foram incluídos – a dêixis da memória (APOTHÉLOZ), a dêixis social e a dêixis textual (FILLMORE). Esse último tipo de dêixis é também designado, na literatura recorrente, por dêixis discursiva⁶. Marcuschi (1996⁷), por exemplo, prefere assim designá-la, contrariando Fillmore (1975), o primeiro a definir o fenômeno com clareza.

Por fim, a dêixis é um mecanismo referencial presente em diferentes situações discursivas e diretamente relacionado à movimentação dos enunciadores no contexto.

O gênero tira

⁶ Em razão do gênero em estudo no presente trabalho, adotarei apenas a noção de dêixis textual.

⁷ "A Dêixis Discursiva como Estratégia de Monitoração Cognitiva", trabalho apresentado no GT de Linguística de Texto e Análise da Conversação durante o XI Encontro nacional da ANPOLL, João Pessoa, de 2 a 6 de junho de 1996.

A tira pode ser considerada como um produto de tendências universais, mas com raízes populares⁸. No meio social, sua aceitação e ampla divulgação devem-se ao fato de se constituir um gênero jornalístico que, mesmo enfrentando a escassez de espaço nos jornais, conta com a popularidade das personagens. No meio escolar, ainda não foi de fato incorporada ao elenco de textos com que a escola trabalha (MENDONÇA, 2002), apesar das contribuições de Bakhtin sobre a existência do caráter sócio-histórico da linguagem e a noção de gênero discursivo como produto de uma interação verbal.

A respeito da origem do gênero, Eisner (1999), advogando a posição de que as HQs representam a “arte sequencial”, é a favor também de que elas tiveram origem nas pinturas rupestres. Olhar a tira como um gênero, cujo início remonta a própria história da comunicação humana, merece, então, duas considerações sobre a linguagem imagética: não é de fato algo novo como fica subjacente em alguns trabalhos sobre multimodalidade; tem implícita em sua construção a subjetividade do *eu* da enunciação. Nesse sentido, Nicolau (2010) ilustra que:

Embora tenha havido experiências anteriores, o começo oficial das histórias em quadrinhos foi *The Yellow Kid*, criação de Richard Felton Outcault, publicado em 1895 no jornal sensacionalista *New York World*, com a incursão de texto naquele formato que viria ser o balão.

Outcault fora o criador da série de desenhos conhecida como *Hogan's alley*, algo como *O beco do Hogan*, no qual transitava uma série de esquisitos personagens: varredores negros, chineses com tranças, mulheres com laços e, entre eles, um garoto de orelhas largas vestido com uma camisola. Certo dia o garoto apareceu com a camisola pintada de amarelo e foi imediatamente batizado pelos leitores de *Yellow Kid*, o chinesinho amarelo. Seu desenhista passou a explorá-lo como personagem principal, dando-lhe voz por meio de balões (NICOLAU, 2010, p. 2).

Mendonça (2002, p.194-5), ao se indagar “quando tudo começou?”, reitera o fato precursor desse gênero e acrescenta que “o texto não vinha mais no rodapé do desenho, mas sim, junto aos personagens, por exemplo, escrito na túnica amarela do garoto, o que lhes conferiu mais vitalidade”. Essa descrição deixa perceber a necessidade, sentida pela autora, da marca dêitica indiciadora dos interlocutores do diálogo, e a importância dos balões como forma de simbolizar a fala das personagens, dando à tira mais dinamicidade.

⁸ A tira é uma simplificação das histórias em quadrinhos, publicadas inicialmente em jornais e revistas com o fim de retratar cenas e personagens populares.

De acordo com Patati e Braga (2006, p. 23), o pioneirismo das tiras cabe a Bud Fisher, que, em 1907, criou os personagens Mutt e Jeff e os apresentou na página de turfe do jornal: “Eram comentários acerca da fauna humana que gravita em torno do turfe. Tornavam os apostadores personagens, assim como o jóquei e o cavalo, protagonistas épicos do evento. (...) exercitavam uma espécie de autocrítica”. Aproveitando-se das tiras para satirizar o comportamento social de uma época, Fisher deixou como legado, a esse gênero midiático, a possibilidade de os seus autores lidarem com o humor, criticando os costumes e a moral, com mais facilidade do que a partir de outros gêneros. Do ponto de vista do aspecto temático, fica claro que a tira é um gênero que se comunica com as sociedades em que existe e, por conseguinte, lhes permite entenderem como seus membros interagem diante dos múltiplos temas nos quais são protagonistas.

Do ponto de vista composicional, a tira é do tipo narrativo, embora, como qualquer outro gênero, apresente também sequências de outra natureza. Além da linguagem híbrida, que se constitui sua característica mais relevante, ela se vale de mecanismos e recursos tecnológicos que a aproximam de outros gêneros como o cinema, por exemplo. A coerência entre as formas de linguagem demanda um trabalho cognitivo tanto por parte do autor quanto do leitor, cujo papel ativo no processo de interação requer preenchimento de lacunas, reconstrução do fluxo narrativo e (re)significação do sentido. A leitura de uma tira não se dá exatamente pela leitura de um quadro após o outro, nem pela identificação do que é dito pelas personagens, mas, principalmente, do que não é dito, do que é recuperado pelo co(n)texto da tira, nas duas linguagens.

Uma forma de orientar a leitura desse gênero pela escola poderia ser a de categorizá-la em alguns subtipos. Mendonça (2002) sugere:

- a) tiras-piada, em que o humor é obtido por meio das estratégias discursivas utilizadas nas piadas de um modo geral, com a possibilidade de dupla interpretação;
- b) tiras-episódio, nas quais o humor é baseado especificamente no desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens. (MENDONÇA, 2002, p. 198).

E, a partir de quaisquer dos subtipos, orientar para o desempenho de habilidades que permitissem ao aluno compreender a tira como um produto cultural de massa por atingir

diferentes classes sociais e, acima de tudo, por expressar de forma crítica os anseios de uma sociedade. Uma leitura crítica poderia tomar como parâmetro o sentido que têm, nos enunciados reproduzidos pelas personagens, os atos de fala, as pressuposições, as metáforas, as vozes, dentre tantas possibilidades.

Apesar de a tira ter o aspecto composicional facilmente identificável, revela-se um gênero que pode apresentar complexidade discursiva como qualquer outro. Essa complexidade se aplica tanto ao plano da produção quanto ao da recepção. Na produção, porque o autor da tira, ao reproduzir uma situação de interação de oralidade, compete *equacionar* a significação das palavras de modo que elas não deixem escapar o seu potencial discursivo. Compete-lhe ainda, *esquadrinhar* os elementos imagéticos para que eles possam ser conjugados coerentemente com os elementos verbais. E, como na produção de todo e qualquer gênero, o autor da tira tem que selecionar os elementos de sua linguagem em favor de seu leitor virtual. Na recepção, o leitor tem que mobilizar um alto grau de conhecimento prévio e desenvolver múltiplas estratégias de leitura.

São os aspectos de complexidade do gênero tira, na perspectiva de sua recepção, que o legitimam como objeto de estudo no presente trabalho.

Estratégias de leitura

Em uma sociedade com razoável grau de letramento, já se constituiu senso comum a noção de que os textos são lidos de forma diferente em razão de uma série de fatores, dentre eles o estatuto genérico dos textos. Assim, é possível a compreensão de que há pelo menos três grandes grupos de gêneros: os midiáticos, os literários e os didáticos. O simples correr os olhos por um jornal permite, mesmo ao leitor menos avisado, divisar uma multiplicidade de textos. Em contrapartida, os membros de uma sociedade assim definida, provavelmente, não comungam das mesmas noções de que todo texto que está em um jornal, por exemplo, se consagra como gênero. Aliás, a distinção entre texto e gênero é ainda tênue em muitas instâncias sociais, cujo nível de letramento pode ser considerado satisfatório.

Para Mendonça (2002, p. 203), “a despeito das orientações dos PCN e da estima dos leitores pelas HQs, estas ainda são preteridas pela escola”. A esse respeito, duas considerações merecem ser feitas. A primeira refere-se à falta de precisão sobre a noção de

HQ e tira. O livro didático⁹ emprega o termo tira para todo e qualquer texto que traga mais de dois quadros. Muitas vezes, o equívoco se estende à charge, ao cartum e ao quadro retirado, para algum fim didático, de uma tirinha ou de uma HQ. A segunda consideração a esse respeito aponta na direção de que, ainda perdurando a imprecisão entre os gêneros, a HQ é menos utilizada como pretexto para o ensino da gramática que a tira¹⁰.

Minimizada a distinção entre HQ e tira pela alegação de que “um gênero surge de outros gêneros, um gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos, por inversão, por deslocamento, por combinação”, conforme defende Todorov (1980, p. 46), ainda assim restam os efeitos dessas transformações, pois elas atingem não apenas a composição dos gêneros, mas a maneira como produtor e receptor passam a lidar com tais gêneros, no caso de continuarem a existir, como a HQ e a tira. Por outras palavras, significa dizer que produzir e ler uma HQ não é necessariamente o mesmo que produzir e ler uma tira, visto que a dinamicidade do suporte desses gêneros modificou não somente as formas de representar o mundo, mas as formas de relações humanas. Ademais, a visão dinâmica e diversificada que orienta a estruturação dos textos permite que se adote a concepção bakhtiniana de gênero vinculado às formas relativamente estáveis.

É a partir da perspectiva da hibridização, sofrida pela tira, que serão definidas algumas estratégias de abordagem, dentre elas a ambiguidade, a ironia, a polifonia e a intertextualidade, pois, apesar de a tira ser um todo coerente com estruturação lógica (imagem e texto), dotada de propriedades que podem relacioná-la com o riso ou não, tem seus próprios artifícios de imposição de leitura, que consistem, principalmente, na apresentação de várias possibilidades de interpretação.

Operacionalização da análise

Consoante foi anunciado acima, o objetivo deste estudo é investigar que estratégias de leitura estão subjacentes nas expressões dêiticas no gênero tira, publicado em LD de língua portuguesa. Para isso, selecionei, primeiramente, as tiras-piada “em que o humor é obtido por

⁹ Esta compreensão foi constatada nos LDs mencionados na nota 2 acima.

¹⁰ BARROS LEAL, A. P. de. O gênero tira e o Ensino da Língua Materna sob a perspectiva da enunciação. 2011 (mimeog.). Nesse artigo, a autora apresenta o resultado de uma pesquisa sobre o tratamento dado à tira em uma das coleções mais utilizadas no Ensino Fundamental tanto por escolas da rede particular quanto por escolas da rede pública de ensino.

meio das estratégias discursivas utilizadas [...] com a possibilidade de dupla interpretação” (MENDONÇA, 2002, p.198), de uma das coleções utilizadas no Ensino Fundamental II¹¹ por escolas da rede particular e pública. O critério que orientou a seleção foi o de que as tiras apresentassem elementos dêiticos (enunciativos ou imagéticos¹²) em seus enunciados e que a leitura implicasse no uso de uma das estratégias simples e combinadas¹³: ambiguidade, ironia, polifonia ou intertextualidade. Em seguida, realizei um tratamento quantitativo das estratégias, a fim de obter uma visão percentual de suas ocorrências nos dados.

Foram analisadas 118 tiras, retiradas dos quatro volumes do Ensino Fundamental II: 93 – ocorrências simples, envolvendo as seguintes estratégias: 10 casos de ambiguidade; 54, de humor; 12, de ironia; 10, de polifonia; 07, de intertextualidade; e 25 – ocorrências combinadas, envolvendo as seguintes estratégias: 01 caso de ambiguidade com ironia; 07, de polifonia; 01, de intertextualidade; 08, de polifonia com ironia; 08, de polifonia com intertextualidade;

Do total das ocorrências, foram analisadas seis tiras, por amostragem.

Discussão dos resultados

Nesse segmento, serão descritos, a partir de indícios linguístico-discursivos, os mecanismos dêiticos que valorizam estratégias de leitura no gênero tira, publicado no LD de língua portuguesa em análise.

A predominância dos dêiticos, nas tiras analisadas, foi observada na seguinte escala: dêiticos pessoais, temporais, textuais e espaciais¹⁴, sociais e da memória.

Os dêiticos pessoais foram identificados a partir dos elementos linguísticos mais recorrentes e indiciadores do sujeito enunciativo: eu, meu (e formas variantes), formas verbais desinenciais; e do sujeito enunciatário: você, seu (e formas variantes), formas verbais (com saliência ao uso das formas imperativas). O sujeito enunciativo se explicita também pelo uso da primeira pessoa plural pela primeira do singular, o que Fiorin (2010) chama de “pessoa

¹¹ CEREJA e MAGALHÃES, Português Linguagens. 2010 – vols. 6º ao 9º. Os autores defendem o papel da tira na formação leitora de alunos do Ensino Fundamental II.

¹² Considero dêitico enunciativo a expressão verbal indiciadora de quaisquer dos tipos de dêiticos descritos no item acima, *O processo referencial da dêixis*. Por dêitico imagético, a presença no texto de um elemento linguístico cujo sentido é recuperado pela situação contextual da tira.

¹³ Estratégias: simples – quando a interpretação do enunciado permitia a leitura de apenas uma estratégia; combinada – quando a interpretação permitia a leitura de mais de uma estratégia.

¹⁴ A pesquisa deixou indícios de que a orientação espacial no texto, ou seja, ocorrência categorizada como dêitico textual, é tão recorrente quanto a orientação espacial no sentido de situar fisicamente os interlocutores.

subvertida¹⁵”, e pelo uso da expressão nominal *a gente*, com o mesmo valor discursivo de um nós majestático. A alta incidência desse tipo de dêitico ratifica o fenômeno do processo dialógico pontuado por Bakhtin (2011), ou seja, a alternância dos sujeitos falantes no diálogo real.

Os dêiticos temporais foram identificados principalmente pelas formas: *hoje, agora, ontem*. Esses dêiticos na tira referendam a noção de que o tempo está intrinsecamente relacionado ao ato da enunciação, ou, no dizer de Cavalcante (2011), quando for “preciso conhecer o tempo em que se encontra o falante”. Assim, quando uma personagem diz, por exemplo, “hoje não vai ter piada”, seu propósito é marcar o centro dêitico temporal. Das formas mais salientes, contudo, o *agora* se destaca das demais, funcionando como “articulador da situação tópica¹⁶”, o que é observado em uma das tiras do *corpus*, em que a personagem fala: “agora planejo tudo em minha agenda”.

A brevidade do gênero tira não permitia a hipótese de muitas ocorrências dos dêiticos textuais. Sua frequência, de certo modo, causou surpresa. A forma linguística mais recorrente, nesse caso, foi a do emprego do pronome demonstrativo *isto*, na quase totalidade dos usos. Esse fato impõe uma referência a dois pontos. O primeiro: lembrar que o *isto* aparece nas tiras, consoante enfoque dado por Cavalcante (2011), como anafórico correferencial à imagem; como anafórico encapsulador de um enunciado ou de uma imagem. O segundo: há uma tendência de que o elemento pronominal (esse/este), em expressões anafóricas, marca o traço de proximidade em relação à imagem do contexto em que estão os interlocutores. A fala do Chico Bento¹⁷ – “Eu quiria sê como esse passarinho” – é um exemplo.

A frequência das ocorrências de enunciados com dêiticos sociais e da memória foi compatível com o gênero em estudo, visto que a interlocução em que esses dêiticos acontecem é mais demorada. O dêitico da memória, por exemplo, se faz presente em uma tira em que Calvin¹⁸, após algumas manobras com um ioiô, fala: “as únicas habilidades que eu tenho paciência pra aprender são aquelas que não têm nenhuma aplicação real na vida”, levando o seu interlocutor a buscar na memória que outras habilidades são de aplicação real na vida.

Na análise da amostra, os dêiticos foram investigados quanto aos aspectos enunciativo e imagético.

¹⁵ Fiorin (2010) lista vinte possibilidades diferentes de embreagem.

¹⁶ Levinson (2007) aborda a dêixis na perspectiva pragmática de Fillmore.

¹⁷ Volume 6º, p. 45.

¹⁸ Volume 9º, p. 128.



(Laerte, *Hugo para principiantes*. São Paulo: Devir, 2005. p. 57.)

Figura 1: Exemplo de tira (detalhes no texto).

Nessa tira, retirada do volume 8º, p. 178, são considerados dêiticos enunciativos as seguintes expressões:

“Nhá Cirina Benzedeira” – dêitico social – assegura ao enunciado não apenas as formas que respondem pelos relacionamentos sociais (senhora, por exemplo, na mesma tira), mas determina uma escolha que denota um título.

“Meu computador”; “eu passo o Norton” – dêiticos de pessoa – os pronomes identificam o locutor na situação de comunicação.

“Fique com o dedo mindinho mergulhado lá no meio do quintal” – dêitico de espaço – o sentido do dêitico, nesse caso, é reforçado pelo gesto de apontar.

“...a senhora veio...”; “fique com o dedo...” – dêiticos de tempo – marcados pelas formas verbais.

“Isso” – dêitico textual/anáfora encapsuladora – o leitor não pode afirmar se a expressão encapsula apenas a fala do locutor homem ou se também a fala de Nhá Cirina.

Os dêiticos imagéticos, conforme mencionado no segmento anterior, correspondem à presença no texto de um elemento linguístico, cujo sentido é recuperado somente pela situação contextual da tira. Uma amostra deste fenômeno pode ser vista na tira retirada do volume 6º, página 44, a seguir.



Figura 2: Exemplo de tira (detalhes no texto).

A expressão “desse jeito”, embora indiciadora de uma forma de vestir incoerente com a situação casamento, só é recuperada pela imagem, ou seja, o elemento linguístico por si só é insuficiente para dar ao leitor uma compreensão do texto. Essa compreensão se amplia quando o locutor do 2º quadrinho diz: “parece que faz isso de propósito”. Além do mais, é novamente a imagem que provoca uma anáfora correferencial recategorizadora e, novamente, em desacordo com a situação social em que a personagem se fará presente.

Quanto à relação expressão dêitica e estratégia de leitura, a ambiguidade, registrada na 3ª tira dessa análise, retirada do volume 6º, p.67, se explica pelo sentido do termo destacado em: “Ola, Cascão! Coloque-se em *seu lugar*”. Há, segundo Martin (1976), uma inferência estritamente linguística pelo uso da expressão *seu lugar*, que, numa discussão entre interlocutores, significaria o não reconhecimento da posição social em relação ao locutor, e outra do tipo possível, que tenta integrar ao cálculo inferencial os dados da situação de comunicação e os de um saber interdiscursivo. Esse cálculo inferencial está para o alocutário, no caso Cascão, no sentido do léxico e de seu conhecimento de mundo, não no sentido implícito. É exatamente a não regulação do processo de desambiguação que provoca o humor.



Figura 3: Exemplo de tira (detalhes no texto).

O locutor somente se dá conta da ambiguidade de seu enunciado quando Cascão começa a entrar em uma lixeira.

A tira é um gênero que se presta muito bem ao emprego da ironia por ser um texto cujas linguagens resgatam com facilidade o aspecto contextual. O leitor, porém, precisa saber mobilizar conhecimentos para resgatar os efeitos irônicos contidos na relação sentido literal/sentido implícito. A estratégia de ironia presente na tira retirada do volume 8º, p. 250, deixa ver algumas das características dessa relação.



Figura 4: Exemplo de tira (detalhes no texto).

Nos dois últimos quadrinhos, o autor da tira quis significar o contrário do que disse literalmente o locutor, e indicou ao leitor que ali existe uma espécie de farsa ou simulação quando o locutor do último quadrinho fala: “...que nem eu.”, mas, ao mesmo tempo, se expressa de outro modo, pela imagem. A ironia dessa tira, portanto, abarca, de certa forma, o fenômeno da autonomia, visto que o *eu* dito pela personagem tem uma explicação no contexto, uma referência a si pela imagem. Essa característica permite ao leitor inferir que há um potencial irônico que ridiculariza o discurso burocrático (o palhaço virar outra coisa, virar palhaço). Vista dessa forma, a ironia patenteia também o eixo de moralidade, característica desse gênero, pois o burocrata incorpora duas imagens: uma exterior ao seu *eu*, manifestada pela vestimenta, postura e discurso; outra, interior ao seu *eu*, manifestada pelo sentimento de sentir-se palhaço.

No que diz respeito às tiras, a polifonia é uma marca enunciativo-discursiva que exige do leitor conhecimento prévio, já que a alusão ao discurso de outro, vez por outra, não vem, textualmente, caracterizado. A percepção do coro de vozes é inferida pela leitura que implica repertório, acervo de conhecimentos entre outras manifestações a fim de que se possam estabelecer as relações entre as vozes. A compreensão das tiras, no que se refere à estratégia da polifonia, requer do leitor perspicácia, para que possa perceber a *teia* de vozes que vão emergindo no processo da construção dos sentidos, na retomada do *dado* e na composição do *novo*.

A tira a seguir, retirada do volume 7º, p. 244, deixa implícitas, nas sequências narrativas, as vozes que orientam o comportamento de Gaturro.



(Gaturro 7. 3. ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2007. p. 73. Tradução dos autores.)

Figura 5: Exemplo de tira (detalhes no texto).

No segundo quadrinho, por exemplo, há a voz de seu dono, dando-lhe uma ordem; no terceiro quadrinho, a sua própria voz, uma voz interior de aconselhamento, motivadora, evidenciada pela expressão *vamos!*, e pelo uso repetido da expressão *você consegue!*; no quarto quadrinho, apesar da estrutura oracional ser a mesma (“vamos, você pode! Você pode!”), o leitor entende pela imagem que a voz interior de Gaturro não é mais a de um enunciado performativo e que o próprio verbo *poder/pode* não tem mais a propriedade de realizar o ato que denota.

No *corpus* da pesquisa, a intertextualidade *stricto sensu*, defendida por Koch, Bentes e Cavalcante (2007), aparece numa simbiose com a polifonia, fazendo referência a contos infantis (“Vamos marcar o caminho com migalhas de pão”, “agora eu vou contar a história do patinho feio”); a falas do cotidiano em voz anônima (“varrer o lixo para debaixo do tapete”, recuperada unicamente com base nas imagens; “sair de férias para descansar”); a voz da mídia (“E agora a previsão do tempo”), dentre outras formas.



Figura 6: Exemplo de tira (detalhes no texto).

A tira permite ainda a intertextualidade *lato sensu*, ou intergenérica, como no exemplo, acima (volume 7º, p. 141), em que a expressão do homem corresponde às falas indiciadoras do sujeito e, portanto, dêitica de pessoa.

No primeiro quadrinho, o gênero contido no jornal deixa o sujeito satisfeito, permitindo ao leitor da tira inferir, a partir da associação com a imagem, que o caderno lido não trata de assuntos violentos, preocupantes ou tristes; no segundo quadrinho, o papel em sua mão representa uma anotação de algo retirado do jornal; finalmente, no terceiro quadrinho, com base nos modelos cognitivos textuais, o leitor completa o esquema de inferência levantado: o homem lia o caderno de anúncios, fica satisfeito com a possibilidade de conseguir um emprego, anota o endereço, chega ao lugar indicado e se depara com o cartaz que o impossibilita de atingir seu objetivo. No último quadrinho, o leitor reconhece ainda marcas linguísticas do discurso de exclusão social.

Considerações finais

Este trabalho foi desenvolvido com o intuito de descrever, a partir de indícios linguístico-discursivos, os mecanismos dêiticos que valorizam estratégias de leitura no gênero tira. Procurei abordar o tema na perspectiva da linguística textual e da pragmática de modo que os resultados pudessem contribuir para novas abordagens de estudo dos gêneros presentes no LD de língua portuguesa e, por consequência, para uma nova visão da leitura.

Os resultados evidenciam que é possível compreender a tira não apenas como um artefato capaz de produzir humor, ou como um produto cultural de massa com repercussão em classes sociais diversas, mas também como um *construto social*, cuja harmonia entre os elementos linguísticos e não linguísticos é complexa e requer domínio de diferentes estratégias. A identificação de diferentes tipos de dêiticos, compreendidos numa dimensão enunciativa e imagética, possibilitou reconhecer que fenômenos como a ambiguidade, a ironia, a polifonia e a intertextualidade ocorrem isolados ou combinados, emprestando ao discurso uma plasticidade que não se esgota nos próprios enunciados.

Em razão da exiguidade de espaço para novas discussões, alguns importantes aspectos não puderam ser investigados: a frequência desse gênero no LD, a discrepância da tira com o propósito apenas de provocar o riso e a predominância de dêiticos pessoais. Tais aspectos me levam, contudo, a inferir que os enunciados não estão a serviço da leitura, mas de outras atividades de linguagem e podem se constituir objetos de outras pesquisas.

A recorrência a um gênero específico pode trazer, como implicação pedagógica, a falsa ideia de que alguns textos estão no LD apenas *preenchendo espaço*. Partindo do princípio de que o LD é o recurso definidor das práticas escolares, minha avaliação é a de que o gênero tira é subutilizado na escola. O mesmo princípio me autoriza questionar qual tem sido a preocupação dos cursos de Letras na formação de professores de língua portuguesa no que diz respeito à análise crítica do LD e ao reconhecimento das teorias que embasam a aplicação dos conteúdos de ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

Lembro, por fim, que os aspectos de complexidade do gênero tira, na perspectiva de sua recepção, o legitimam como objeto de estudo.

Referências

APOTHÉLOZ, D. Rôle et fonctionnement de l'anaphore dans La dynamique textuelle. Tese (Doutorado) – Université de Neuchatel, 1995, p. 18-43. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Editora Pontes, 1991.

BÜHLER, K. The deictic field of language and deictic words. In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. *Speech, place, & action studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley & Sons Ltd., 1982, p. 9-30.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A.C.; LEITE, M.Q (orgs.). *Linguística de texto e análise da conversação*. São Paulo: Editora Cortez, 2010, p. 225-261.

CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não-ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CIULLA E SILVA, A. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 205f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

EISNER, W. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

- FILLMORE, C. J. *Lectures on deixis*. California: CSLI Publications Stanford, [1971]1997.
- FIORIN, J. L. *As Astúcias da Enunciação*. São Paulo: Editora Ática, 2010.
- HALLIDAY, M. A.K; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- LEVINSON, S. C. *Pragmática*. Trad. Luis Carlos Borges e. Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MARCUSCHI, L. A. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R.P.(orgs.) *Sentido e significado em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 263-284.
- MENDONÇA, M. R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002, p. 194-207.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. TRANEL, 1995, p.273-302. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.
- NICOLAU, M. As tiras e outros gêneros jornalísticos: uma análise comparativa. *Revista Eletrônica Temática*. Ano VI, n.2, fevereiro/2010.
http://www.insite.pro.br/2010/Fevereiro/tirinhas_genero_jornalistico_nicolau.pdf (visitado em 28/11/2011).
- PATATI, C.; BRAGA, F. *Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1980.